

MONTANHISMO E IMPACTO AMBIENTAL: INVESTIGANDO OS PRATICANTES OCASIONAIS DO RIO DE JANEIRO

Recebido em: 19/11/2016

Aceito em: 25/10/2017

Barbara Adelaide de Araujo Giron Rodrigues
Universidade Federal Fluminense
Niterói – RJ – Brasil

Tauan Nunes Maia
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – MG – Brasil

Cilene Lima de Oliveira
Gabriela Araujo Goes da Mota
Edmundo de Drummond Alves Junior
Universidade Federal Fluminense
Niterói – RJ – Brasil

RESUMO: O objetivo deste estudo foi investigar a relação entre o montanhismo e a conservação ambiental na cidade do RJ, mais especificamente, no complexo do Pão-de-Açúcar. A metodologia utilizada na pesquisa foi a observação participante e a análise de conteúdo, por meio de entrevistas com os interlocutores. O que se pode perceber, por meio dos discursos dos montanhistas ocasionais, foi uma busca pelo mínimo impacto e uma acusação da massificação dos usos dos espaços como responsável pelos impactos ambientais. Estes discursos foram relacionados, como modos de legitimização da prática, através da categoria “estilo de vida” que é extensão das preocupações ambientais para outras esferas da vida dos montanhistas.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Montanhismo. Impacto Ambiental.

MOUNTAINEERING AND ENVIRONMENTAL IMPACT: RESEARCHING THE OCCASIONAL PRACTITIONERS OF RIO DE JANEIRO

ABSTRACT: The objective of this study was to investigate the relationship between mountaineering and environmental impact in the city of Rio de Janeiro, more specifically, in the Sugar Loaf complex. The methodology applied in the research was the participant observation and the content analysis, through interviews with the interlocutors. What can be perceived in the speeches of the occasional mountaineers was the search for minimum impact and the accusation that the mass use is responsible for the environmental impacts. These speeches are related as kinds of practice

legitimation, through the category "lifestyle", a extension of environmental concern to other spheres of life of the climbers.

KEYWORDS: Leisure Activities. Mountaineering. Environmental Impact.

Introdução

As práticas corporais se manifestam através de diversas linguagens e o esporte não se faz diferente. Neste repertório, contemporaneamente, verificamos uma maior aproximação do homem com práticas esportivas em ambiente natural. Com graus de codificação distintos podemos identificar uma categoria de esporte que tem como característica comum a relação direta com a natureza e a aventura (DIAS e ALVES JUNIOR, 2007). Praticar atividades físicas esportivas em contato com a imprevisibilidade da natureza tem, nos esportes de montanha, um dos principais campos a serem investigados, uma vez que estas práticas também se configuram enquanto opções de lazer (DIAS e ALVES JUNIOR, 2009).

Mesmo considerando que não se trata de uma prática tão recente, o montanhismo ganhou um avanço significativo nestes últimos anos, seja no número de praticantes, como na sua visibilidade social (LUCENA, 2006). Este avanço ocorreu em função do progresso tecnológico que permitiu uma prática mais segura, ou melhor dizendo, com um maior controle do risco de possíveis acidentes, tendo em vista a sua imprevisibilidade decorrente do ambiente em que é praticado, que pode sofrer constantes alterações (LUCENA, 2006). Acreditamos que a atual popularização do montanhismo também se dê pela maior aproximação do homem moderno com a natureza e a possibilidade de relacionar-se com ela, o que, para alguns, pode ser entendido como palco de aventuras desafiadoras.

Costa (2000) nos diz que a palavra aventura etimologicamente vem do latim, em que ‘aventura’ se refere ao rompimento da rotina, uma busca pelo diferente, pela surpresa. Por questões mercadológicas, o uso do termo “Esportes Radicais” procurou inserir um grupo de práticas esportivas que também podem ser incluídos como Esportes de Aventura, termo mais utilizado para designar praticas esportivas comumente realizadas na natureza. Realizadas em ambientes naturais (ar. água, neve, gelo e terra), como exploração das possibilidades humanas, em resposta aos desafios destes ambientes, coloca-se em questão a preocupação com a sustentabilidade do meio ambiente em que o mesmo é praticado. De acordo com Spink; Aragaki e Alves (2005) as atividades esportivas de aventura e na natureza se dão como um escape da rotina dos grandes centros urbanos, uma busca por uma identidade constituída na superação dos desafios extremos, que permeiam os limites entre vida e a morte.

O montanhismo, foco da nossa investigação, vem ganhando cada vez mais destaque no conjunto das práticas esportivas realizadas na cidade do Rio de Janeiro que tem uma geografia peculiar, face a sua localização entre o mar e a montanha, como afirmam Dias e Alves Junior (2007), que possibilita uma diversidade de práticas que interagem fortemente com o meio ambiente ,e neste sentido, coloca-se como questão a forma como esta natureza passa a ser alterada pela constante presença de um número significativo de praticantes.

Certamente estamos diante de um fenômeno social que envolve símbolos inerentes a aventura, a superação de obstáculos, de forma a proporcionar uma nova tomada de estilo de vida. Nabeta e Silva (2010) apontam que, praticar estes esportes significa associar-se a um conjunto de símbolos que definem a identidade dos sujeitos.

Neste sentido, estilo de vida está diretamente ligado, não somente a normas de conduta, mas a um todo um envolvimento com a cultura, com ações diárias destes indivíduos.

O montanhismo na forma institucional é uma prática corporal praticada há séculos, cujo desenvolvimento se deu principalmente no formato associativo (MACFARLANE, 2005). No Brasil, ele começou a ser praticado na transição do século XIX para o século XX e o seu desenvolvimento está intimamente relacionado ao surgimento e expansão de entidades, como o Centro Excursionista Brasileiro, cuja fundação ocorreu em 1919 (LUCENA, 2006).

Um dos locais, considerado como berço do montanhismo no Brasil é o complexo do Morro da Urca e do Pão de Açúcar. Praticar o montanhismo nas vias abertas no Pão de Açúcar e no seu entorno é bastante emblemático, pois, além de estar localizado em local de fácil acesso, este espaço é um dos principais símbolos que representam a cidade do Rio de Janeiro (LUCENA, 2006).

Ao longo dos anos, o montanhismo foi se modificando, incorporando novos valores e novas formas de ser praticado, como a escalada esportiva e a modalidade boulder¹. Um dos fatores que contribuiu para estas mudanças foi o uso de novas tecnologias, tais como sapatilha com solado de borracha, bouldrier, proteções móveis, ascensores, dentre outros. Todavia, nem sempre estas atividades ocorrem sem que haja degradação do meio ambiente. Neste sentido Nabeta e Silva (2010) discutem que tanto durante expedições de longa duração ou em atividades de curta duração observa-se cada vez mais um número maior de áreas degradadas pelos praticantes das atividades de aventura e na natureza. Isso pode estar associado ao fato dos praticantes conceberem

¹ Boulder é um tipo de escalada que se caracteriza pela ausência de equipamentos, tais como corda, freios, mosquetões, fitas e bouldrier. Nesta prática o escalador busca escalar blocos de pedra do modo mais difícil possível, de maneira a superar os “problemas” encontrados na pedra.

suas praticas para atender a interesses e desejos pessoais, tendo uma relação predatória com a natureza, causando impactos ambientais. Todavia, Bressan (1996) e Foladori (2001) apontam que nos últimos anos passou a ser mais presente entre os montanhistas a necessidade de se preservar o meio natural.

Tendo em vista estas considerações, surge um interesse em saber se, no âmbito não institucional, os montanhistas procuram estar de acordo com uma prática sustentável. Em outro momento, investigamos o ambiente associativo de montanhistas num tradicional clube de montanhismo da cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente nos interessou a relação prática do montanhismo e a preocupação ambiental, isto foi verificado a partir dos relatos dos responsáveis pelo curso de introdução à prática do montanhismo. Num segundo momento, nos interessou entender a mesma lógica na ótica dos participantes do curso. Observamos que no ambiente associativo deixa-se entender que a prática causadora de degradação ambiental estava presente no meio dos praticantes que não estavam filiados a clubes, e por este motivo, alheios a lógica de uma prática preservacionista. Seriam estes os ‘praticantes ocasionais’ e neste caso, investigados no conjunto de montanhas que circundam a cidade do Rio de Janeiro e em especial as de fácil acesso como as ‘vias’ encontradas no entorno do Pão de Açúcar e da Pedra da Babilônia.

Este estudo tem como objetivo investigar o que dizem estes praticantes de montanhismo acerca da relação estabelecida entre a sua prática e a preservação do meio natural. Desta forma, será possível compreender de que forma as questões ambientais estão associadas a suas práticas. A hipótese é de que os praticantes realizem atividades de mínimo impacto, isto não significa dizer uma prática sem degradação ambiental, mas um processo de minimização das inferências humanas negativas no meio.

Procedimentos Metodológicos

A metodologia deste trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa e exploratória. A pesquisa foi realizada com praticantes do montanhismo que frequentam o morro da Urca e da Babilônia, no Rio de Janeiro. A escolha destes locais se deu por serem locais considerados como os principais pontos de escalada no Brasil, haja visto que, a proximidade com a cidade e as características ambientais facilitam esta prática. Somado a este fato foi realizado pelos pesquisadores deste estudo um dia de observação dos locais a serem investigados de modo a conhecer o local e a circulação de montanhistas.

A amostra foi selecionada por conveniência, sendo o convite feito oralmente. O recrutamento da amostra se deu em duas etapas: em um primeiro momento, uma equipe de cinco pesquisadores apresentavam brevemente a pesquisa ao montanhista e era solicitado o nome e o telefone para um contato posterior, que ocorreu no dia 25 de abril de 2014; em uma segunda etapa era realizado o contato, feito por telefone, onde era explicada toda a proposta de pesquisa e o convite para participar da mesma, caso o convite fosse aceito era agendado um dia para a realização das entrevistas.

Foram realizadas 13 entrevistas, no período de abril a julho de 2014. Os entrevistados não possuíam vínculo com nenhuma instituição, sendo que destes, três fizeram o curso considerado como básico de montanhismo, ou já fizeram parte de algum clube, mas atualmente praticam o montanhismo por conta própria e se denominam “independentes”. A média de idade dos participantes foi de $39,18 \pm 10,48$ anos. No que diz a ocupação profissional dos entrevistados, foram observadas as seguintes profissões: guia de escalada, bancário, jornalista, estudante, engenheiro, turismólogo, empresário e biólogo.

As entrevistas eram realizadas por telefone, uma vez que os participantes, no 2º momento se mostravam indisponíveis para participar presencialmente. Esta metodologia tem como vantagem a facilitação para a realização das mesmas. Porém, em contrapartida, entendendo que a linguagem não ocorre apenas através da oralidade, este método impede que a linguagem não verbal, que possui signos e significados, seja apreendida por parte do entrevistador. Todas as entrevistas foram gravadas através de uma função “gravar chamada” do celular da marca Samsung modelo Galaxy S1. Foi escolhida a entrevista semi-estruturada, que se configura enquanto uma técnica de coleta de dados que combina perguntas fechadas e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer acerca da temática, sem respostas prontas ou condições pré-existentes por parte do pesquisador (MINAYO; DESLANDES e GOMES, 2012).

Tabela 1: Roteiro de Entrevista

Ordem	Pergunta
1	Considerando um tipo de classificação que circula entre os praticantes do montanhismo três categorias poderiam ser citadas: praticantes independentes, praticantes ocasionais e praticantes com vínculo institucional (clubes, federação ou alguma outra associação ligada ao montanhismo), você se enquadraria em alguma delas?
2	Com que regularidade pratica e há quanto tempo frequenta o Complexo do Pão de Açúcar?
3	Qual o significado de ser um montanhista?
4	Qual o significado de escalar no Pão de Açúcar?
5	Quais vias já foram conquistadas por você neste espaço?
6	Você conhece o código de ética sugerido pela FEMERJ e o que você pensa com relação a ele sobre as normas direcionadas para o Pão de Açúcar?
7	Quando conversamos com alguns montanhistas a preocupação ambiental parece estar presente, de que maneira essa preocupação está presente na sua prática?
8	Antes de se tornar um montanhista você tinha um engajamento nessas questões ambientais?
9	Que ações você se engajou no que toca as preocupações ambientais?
10	No Pão de Açúcar você identifica algum tipo de impacto ambiental? Se sim, quais seriam as mais frequentes?
11	Na sua opinião, qual a relação entre a prática esportiva do montanhismo e as questões ambientais?
12	Em relação ao montanhismo, de que forma você acredita que ele possa contribuir para uma relação mais equilibrada entre a o homem e a natureza?
13	Nas vias do espaço do complexo do Pão de Açúcar você identifica algum tipo de degradação ambiental causada pelos frequentadores?

14 Ao terminar esta entrevista você gostaria de acrescentar alguma coisa que ainda não tenha sido dita e que você gostaria de registrar?

Fonte: Os autores, 2017.

O roteiro da entrevista foi realizado de acordo com a tabela 1.

Foi utilizada a técnica de Boni e Quaresma (2005) para a realização das entrevistas. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e analisadas. Deve-se destacar que a entrevista e a transcrição foram realizadas pelo mesmo avaliador. A forma de análise das entrevistas fez uso da técnica de “análise de conteúdo”, proposta por Bardin (2009). Com base na autora, a análise se organizou nas seguintes etapas: preparação das informações (transcrição, leitura e codificação do material coletado nas entrevistas), transformação do conteúdo em unidades de registro; classificação das unidades em categorias; descrição das unidades de registro e interpretação das informações coletadas.

Resultados e Discussão

Existem vários esportes de montanha, que se diferem desde a prática em si, até o nível de dificuldade e material utilizado. Segundo a União Internacional de Associações de Alpinismo (UIAA) os esportes de montanha são divididos em dois grupos, o montanhismo e a escalada em rocha. O que difere o montanhismo da escalada em rocha é o grau de dificuldade e perigo. Betiollo e Santos (2006) indicam que o montanhismo é “uma atividade realizada junto ao meio natural onde o praticante procura ascender montanhas caminhando ou escalando” (p.3).

Esta prática possui diversos prismas para sua compreensão. Para facilitar a apresentação, no presente estudo os resultados foram agrupados em categorias de análise que contemplaram os códigos e significados presentes nas falas dos entrevistados e nas observações realizadas, sendo estas as seguintes: *Montanhistas*

ocasionais; Montanhismo e estilo de vida; A prática e sua relação com o meio ambiente.

Montanhistas Ocasionalis

Anterior à realização desta pesquisa, denominávamos praticantes ocasionais todo e qualquer praticante do montanhismo que não possuísse nenhum vínculo institucional, nomenclatura esta dada pelos montanhistas filiados a alguma instituição voltada para o montanhismo. Essa afirmação se confirma através da fala do entrevistado 3 quando ele disse que, “Acho que ocasionais elas vão uma vez ou outra ao local e não tem uma identificação muito forte com o local” (ENTREVISTADO 3).

Todavia, esta constatação foi posta em dúvida, visto que os praticantes que foram entrevistados, embora não possuam vínculo institucional, escalam o Pão de Açúcar com frequência, provando assim, que possuem um vínculo com aquele espaço. Os entrevistados do presente estudo se reconheceram como “pessoas que não são filiadas a clubes, independente do nível da escalada que o cara quer fazer” (ENTREVISTADO 4).

Inclusive, ficou evidente o fato de que estas nomenclaturas que visam dicotomizar os montanhistas entre os que são filiados à instituições e os não filiados não faz sentido uma vez que

O independente não é necessariamente o farsante, o aventureiro... eu acho que essa nomenclatura ela tá um pouco... não é errada, mas um pouco, perdida, talvez, porque.. você pode ser independente e respeitar as éticas e estar dentro das normas, entendeu? (ENTREVISTADO 4).

Porém, é destacado que “tem muita gente que se diz montanhista, que compra um guia e aí de um dia pra noite se mete a ir pra montanha colocando em risco a própria vida e a de outros né?” (ENTREVISTADO 3).

Tais falas nos fazem questionar a cerca destas definições, nos levando a concluir que as nomenclaturas são especialmente particulares, ou seja, os próprios praticantes determinam uma classificação para si e as utilizam como forma de buscar diferenciação. Dialogando com Maffesoli (1987), percebe-se que o estilo de vida expressa uma espécie de identidade coletiva para os membros de um determinado grupo, sendo, justamente, o que diferencia este grupo de outro, estabelecendo uma relação de identidade e pertencimento.

A nomenclatura, e, portanto, a filiação ou não a um clube, não aparece, no discurso, como algo que tenha relação com a prática de um montanhista, em especial no que toca as questões relativas às normas de utilização dos espaços públicos, bem como a preservação ambiental.

Montanhismo e estilo de vida

A prática do montanhismo “envolve muitas coisas...Uma vida de muitos sentidos, né. Desde dormir mais cedo pra estar melhor preparado pra escalada no dia seguinte. Alimentação também” (ENTREVISTADO 10). Nessa perspectiva, como afirma Nahas (2001) existem muitos aspectos da vida envolvidos, como a classe social, a realidade social na qual o indivíduo esta inserido, saúde, educação, entre outros.

Através das falas dos entrevistados pode-se perceber que, independente de ser institucionalizado ou não, o montanhismo representa um estilo de vida. Conforme observado,

[...] o montanhista ele, extrapola questão do esporte, da atividade esportiva. Ele passa a ser um estilo de vida, porque... eu dou um exemplo muito legal assim: Eu tenho 2 sapatos... 2 pares de sapatos sociais e tenho 10 pares de sapatilhas de escalada. Então o meu investimento é maior na escalada do que no social, no meu cotidiano. As roupas que eu compro, quer dizer, eu compro mais blusas voltadas pra montanha do que pra ir, pra trabalhar... É Tudo, quer dizer, tudo se

eu for viajar de férias vou viajar para escalar. *Ah mais você não visita museu?* Se, se der tempo eu visito (ENTREVISTADO 12).

Atrelado à prática do montanhismo nota-se que os entrevistados passam a incorporar um estilo de vida fora do âmbito esportivo, mas associado ele. Nesta incorporação alguns montanhistas

[...] abrem mão de conforto, é.. se expõe.. é.. aos seus limites, é.. gostam do silêncio, gostam de ver pouca gente, gostam de lugares com pouca estrutura né, então gostam dos lugares, os mais naturais possíveis, e .. isso é o que é realmente o montanhista (ENTREVISTADO 8).

Mas, segundo Maffesoli (1987) os aspectos socioculturais não são os únicos fatores que influenciam este chamado estilo de vida onde se dá uma ressignificação de mundo. Para alguns, inclusive, deixar de ser montanhista, ou de ter um estilo de vida montanhista é algo fora de cogitação, à medida que

[...] hoje em dia é muito mais do que.. do que ser montanhista pra mim, isso tá meio que quase embutido na minha vida assim. Se eu quisesse sair disso hoje, se eu falasse assim: “Ah, vou parar de escalar.”, não dá porque eu vivo disso então nem me é possível assim, é.. isso, isso pra mim, então é.. é.. não.. não tem essa opção assim... tudo meu acaba sendo envolvido dentro desse universo aí (ENTREVISTADO 11).

Ao compreender esta ressignificação do mundo, constata-se que o montanhismo pode envolver uma série de sentimentos e experiências. Este fato pode ser observado na fala do Entrevistado 3, que define o montanhismo como sendo

[...] muita coisa, é esporte, é superação, é relaxamento, é prazer, assim proporciona muita coisa né, o montanhismo ele te deixa um ser mais consciente, não só com a questão da natureza né, aos detalhes. Auto conhecimento também, quer dizer, até aonde vão os limites do seu corpo pra você superar, além das paisagens, os amigos que se fazem na montanha, enfim... (ENTREVISTADO 3).

Atrelado ao significado de um estilo de vida surgiu a questão da superação, que constitui uma constante busca por uma identidade. Tal questão se deu devido a fatores

motivacionais, incorporado à prática das atividades na natureza, como o montanhismo. A superação se faz presente na prática do montanhismo, como afirma o entrevistado 1 quando diz que o montanhismo “[...] é... Procurar superar.. os desafios naturais, né, que a montanha me propõe. Acho que é isso aí.”. Tal fala nos remete a um estilo de vida, que como já mencionado anteriormente, extrapola os sentidos do agir, adentrando na esfera do social e psicológico.

A necessidade de superação inerente a esta prática é o que geralmente o motiva, pois segundo Costa (2000) a aventura é capaz de explorar as possibilidades da condição humana. Somado a este fato,

A aventura é um nome moderno da nostalgia, ela desperta a infância: sonhos imemoráveis de partida, explorações impensáveis, explorações inusitadas contrapostas A batalhas imaginárias; desejo de se livrar de si para ascender a plenitude, a incandescência de existir (COSTA, 2000, p.5).

Não se pode falar de aventura sem mencionar os riscos existentes em sua prática. Segundo Ilha (2014) “Se não há incerteza quanto ao resultado e algum risco envolvido, não há aventura. Qualquer atividade cujo resultado é perfeitamente previsível não pode ser qualificada como aventureira”. Ao aprofundar as questões relativas ao risco inerente a estas práticas, Spink e Spink (2009) atribuem o binômio “risco-aventura” ao “conjunto de atividades que envolvem desafios consideráveis (e até extremos) às habilidades e que podem gerar consequências pessoais graves, até mesmo a morte no caso de erro” (p.45).

Logo, observa-se que ser montanhista possui relação direta com as habilidades e a superação dos desafios e riscos presentes nas práticas. Podemos dizer que o montanhista tem conjuntamente com a sua prática uma constante luta a ser superada e vencida, pois como afirma Le Breton (2010), “constrói a sua ascensão lutando simultaneamente contra a rocha e a gravidade”. Neste sentido, o uso de equipamentos no montanhismo é aceito de acordo com a modalidade, que varia de acordo com o grau

de complexidade e perigo, o que enfatiza a necessidade da superação dos seus limites (LUCENA, 2006).

Montanhismo e sua Relação com o Meio Ambiente

O complexo da Urca é um dos maiores centros de escalada do Rio de Janeiro. Os praticantes de montanhismo que frequentam o Morro do Pão de Açúcar incorporam a ele um imenso valor. Este complexo “é um lugar que tem muita carga simbólica por ter sido o pioneiro da escalada no Brasil, então ele já vem com todo esse significado da história do montanhismo atrelada a essa montanha específica, o Pão de Açúcar (ENTREVISTADO 2)”. Todo esse simbolismo é permeado pelo contato com o meio ambiente através do montanhismo. Ao resgatar esse significado da história do montanhismo ficou evidente que a relação com o meio ambiente era diferente dos dias atuais pois

Uma coisa assim que eu percebo (destaca um dos entrevistados).. a turma mais antiga ... eu acho que não havia muitas regras antes, não havia muitos critérios, não havia uma norma como existe hoje, uma boa pratica como existe hoje na FEMERJ, de preservação, então eu acho que a consciência dessa turma não era tão grande. Mas hoje eu diria pra você que quem ingressou no esporte há mais ou menos dez anos que escuta isso sendo falado o tempo inteiro né, preservação, mínimo impacto, etc., essas coisas vão enraizando na cultura e a pessoa conscientemente absorve isso e começa a viver dentro deste estilo (ENTREVISTADO 4).

Oposto aos esportes institucionalizados e com regras bem definidas, como futebol e basquete, o montanhismo não possui normas oficiais que o regulem. Com o aumento do número de praticantes de montanhismo, associada à diminuição e degradação do meio ambiente disponível, surgiu a necessidade de existir normas. Estas regras e considerações éticas direcionam a prática do montanhismo de modo a preservá-la (BETIOLLO E SANTOS, 2003).

Como exemplo destas regras, podemos citar o código de ética da FEMERJ (2014) que busca orientar a prática dos montanhistas no que diz respeito à relação ética com a natureza.

Após a leitura deste código fica evidente que essas diretrizes vão tratar de normas que constituem uma forma de proteção ambiental para o complexo da Urca, bem como para todos os frequentadores daquele espaço. Os entrevistados ressaltaram que o código de ética é algo indispensável a suas práticas, “ele vem a proteger o Pão de Açúcar. Eu acho que até é bem protecionista pro Pão de Açúcar” (ENTREVISTADO 1). O entrevistado 3 considera que as normas são necessárias e “corretas mesmo. Tem muita gente que se diz montanhista, que compra um guia e aí de um dia pra noite se mete a ir pra montanha colocando em risco a própria vida e a de outros né?”.

Desta forma, existe na prática do montanhismo, a necessidade de conservação do meio ambiente, através de práticas que tentem recuperar ou minimizar os impactos decorrentes destas práticas. O Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA, 1986) considera impacto ambiental qualquer forma de interferência humana que modifique as propriedades ecossistêmicas, de forma direta ou indireta.

Estes impactos ambientais podem ser benéficos ou nocivos, de acordo com Alves (2009). Sabe-se que estes não podem ser zerados, por mais que o praticante tenha uma consciência ambiental, tenha um desejo de conservação. Os esportes na natureza, neste caso o montanhismo, podem levar o indivíduo a ter algum tipo de consciência ecológica, gerando um apelo pela conservação do espaço (COSTA, 2000).

Estas discussões passam a ser incorporadas pelos praticantes, uma vez que o montanhismo é apontado, pelos entrevistados, como o responsável pela criação de uma

[...] consciência da preservação [...] você preserva, você não agride e ao mesmo tempo você colhe os frutos disso... então a preservação faz

com que.. uma vida mais saudável né, e nisso a pessoa como ser humano, ela se torna melhor também. Você olha um outro ser humano também de forma diferente (ENTREVISTADO 3).

Apesar dos entrevistados apresentarem preocupações ambientais em seus discursos, os mesmos têm consciência que não são todas as pessoas e todos os montanhistas que possuem estas preocupações. A maioria dos entrevistados afirmou que os grandes grupos de pessoas seriam os responsáveis pelos impactos mais nocivos ao meio ambiente, independentes de serem montanhistas ou não.

Dentre os locais onde estes grandes grupos frequentam, a trilha que liga a Pista Claudio Coutinho ao morro da Urca pode ser considerada como aquela que apresenta o maior número de frequentadores. Durante todo ano grupos que chegam até a reunir dezenas de pessoas juntas, usam esta trilha sem nenhuma preocupação, segundo os interlocutores, com o meio ambiente. Esta trilha também é utilizada pelos montanhistas já que através dela se chega a diversas vias de escalada do Pão de Açúcar. O espaço não é restrito aos montanhistas e é frequentado por pessoas que possuem uma consciência ambiental, de acordo com os entrevistados, mas também por aqueles que não possuem, e, “principalmente sábado e domingo que tem muita gente caminhando na trilha e que são pessoas que não tem essa consciência de que não pode abrir caminho, não pode abrir novas rotas, e saem passando pelos lados, pelas laterais” (ENTREVISTADO 5).

Conforme observado, muitas pessoas ao realizar a trilha em grandes grupos, pisoteiam as plantas que ficam às bordas desta trilha, “[...] E .. tipo parece que sempre as pessoas abrem mais a trilha, sabe? Sempre. Acho que um quer caminhar do lado do outro. Tipo, vai sempre abrindo mais” (ENTREVISTADO 1).

Espaços naturais como o Morro do Pão de Açúcar, por serem locais de grande circulação, apresentam algumas implicações em relação às questões ambientais, como

por exemplo, o lixo deixado pelos frequentadores. Ainda em referência aos grandes grupos como maiores causadores de impacto surgiu essa preocupação com o lixo deixado na trilha. Onde

[...] existe uma ocorrência muito grande de lixo jogado por pessoas que vão ao morro da Urca, turistas ocasionais. Então você encontra plástico, garrafa de vidro, latas de refrigerante, lata de cerveja, mas em quantidades assim.. caídas na base da montanha. São nessas coisas assim que eu vejo mais impacto... naquele complexo (ENTREVISTADO 4).

Na visão dos entrevistados, aqueles que geram impacto ambiental, em sua maioria, não são os montanhistas, mas sim aqueles “turistas” que vão passear pelos locais. Para estes, “O montanhista que é montanhista de verdade, o impacto dele é muito baixo” (ENTREVISTADO 8), uma vez que zera-lo é impossível.

Inclusive, um dos entrevistados chega a dissociar a trilha como sendo uma trilha voltada para os montanhistas ao afirmar que, para a preservação ambiental “devia ter latas de lixo, aquilo não é uma trilha de montanhista” (ENTREVISTADO 8). Logo, fica evidente que se a trilha fosse utilizada apenas por montanhistas não haveria a necessidade de se colocar latas de lixo, uma vez que estes não deixariam lixo ao longo das trilhas.

Desta forma, o ponto de vista dos entrevistados, preocupação ambiental e montanhismo, atualmente, se apresentam como indissociáveis. É necessário dizer que, nessa perspectiva, a prática está automaticamente associada à preservação e manutenção daquele espaço pois,

Pra nós que estamos sempre lá existe um laço de proteção né, intrínseco já. Você pensa: Poxa, to sempre aqui, tenho que fazer minha parte. Aí você tenta não sujar, proteger (...) Então eu percebo que existe uma consciência de.. não de todos os montanhistas, mas de boa parte, de que é importante preservar pra que agente tenha sustentabilidade que é responsabilidade da nossa pratica esportiva (ENTREVISTADO 4).

Esta forma de cuidado com o espaço, que constitui o discurso do mínimo impacto, diz respeito ao estilo de vida associado ao montanhismo. Eles conservam o espaço, dentre outros motivos, por possuir uma relação de pertencimento, “Poxa, to sempre aqui, tenho que fazer minha parte” (ENTREVISTADO 4).

O comprometimento com a preservação daquele espaço ocorre também na lógica de que, por praticarem suas atividades no local com frequência, não tem motivos para agirem de forma contrária, “Eu acho que com a prática do montanhismo você se aproxima muito é.. dessas questões ambientais, né? Porque você vai acessar muitas montanhas, você vai acessar muitas trilhas, e se essas, por sua vez, não estiverem bem tratadas, bem cuidadas, isso atrapalha sua pratica também, do esporte que você pratica” (ENTREVISTADO 5).

Considerações Finais

Partimos de uma hipótese de trabalho que no âmbito do montanhismo nas vias do Pão de Açúcar, os maiores impactos ambientais seriam ocasionados por aqueles praticantes de montanhismo que não faziam parte de nenhuma instituição, ou seja, um montanhista que escalaria por conta própria.

Após a realização do presente estudo, foi apontado que o desgaste das trilhas de acesso possivelmente é agravado pelos grupos com um grande número de pessoas, em especial na trilha que dá acesso ao Morro da Urca. Os montanhistas, independentes ou filiados a alguma instituição, não praticam sua atividade em grandes grupos, mesmo que não sejam frequentadores assíduos. Já os que as praticam em grupos grandes normalmente estão indo ao local pela primeira vez e em geral sem nenhuma preocupação com as normas de uso do local.

Os praticantes independentes, anteriormente chamados de ocasionais, não se consideram os causadores dos maiores impactos. E, assim como os praticantes que possuem vínculo institucional, entrevistados nas outras etapas da pesquisa, possuem um discurso do mínimo impacto. Há, portanto, uma preocupação com a preservação ambiental. Se por um lado os praticantes institucionalizados acusam os que não são institucionalizados de causarem os maiores impactos, estes por sua vez, acusam aqueles que não praticam o montanhismo (escalada), mas frequentam as trilhas, geralmente em grandes grupos.

Logo, novos estudos são necessários para compreender se estes discursos do mínimo impacto e de uma ética ambiental ficam apenas nos discursos dos montanhistas ou se estes realizam as práticas de acordo com as normas de utilização dos diversos espaços que frequentam.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. D. Impacto e conservação: prós e contras da prática esportiva em unidades de conservação. In.: **Em busca da aventura: Múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Niterói. EDUFF, 2009. V. 1. 166 P.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BETIOLLO, G. M.; SANTOS, S. S. Contribuições do Montanhismo para a Educação Ambiental. **Motrivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**. Ano 15, n. 20/21, Florianópolis, 2003.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Florianópolis, v. 2, n. 1, jan.-jul., p.68-80, 2005.

BRESSAN, D. **Gestão racional da natureza**. São Paulo: Hucitec, 1996, 111p

CONAMA. **Resolução CONAMA nº001**. Brasília: 1986.

COSTA, V. L. M. A aventura e o risco. In: **Esportes e risco na montanha**. Um mergulho no imaginário. Manole. 2000. P. 77 – 105.

DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E. D. (Org.) **Em busca da aventura**: múltiplos olhares sobre esporte lazer e natureza. Niterói: EDUFF, 2009. v. 1. 166 p.

DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E. D. **Entre o mar e a montanha**: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 2007. 152 p.

FEMERJ. **Código de ética**. Disponível em: <http://www.femerj.org/component/content/article/280>. Acesso em: 03 set. 2014.

FOLADORI, G. **Limites do desenvolvimento sustentável**. tradução de Marise Manoel. Campinas: Ed. da Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial, 2001, 210p.

ILHA, A. **O direito ao risco**. Disponível em: http://www.femerj.org/images/arquivos/O_Direito_ao_Risco_Versao_Integral.pdf. Acesso em: 04 set. 2014.

LE BRETON, D. Dos jogos de morte ao jogo de viver na montanha: sobre o alpinismo solitário. CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 5. São Bernardo do Campo, 2010. **Conferência de abertura**, p. 37-56, 2010.

LUCENA, W. M. **História do montanhismo no Rio de Janeiro**: dos primórdios aos anos 1940. 2. ed. Rio de Janeiro: Publi, 2006, 264 p.

MACFARLANE, R. **Montanhas da mente**: história de um fascínio. Rio de Janeiro: Objetiva. 2005, 282p.

MINAYO, M. C. S.; DELANDES, Suely Ferreira ; GOMES, Romeu . **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. v. 1. 110p .

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo na sociedade das massas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

NABETA, N. N.; SILVA, C. L. Atividades de Aventura na Natureza: Significados para Praticantes Divulgadores. **Licere (Online)**, v. 13, p. 1-30, 2010.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: Conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 2. ed. Londrina: Midiograf, 2001.

SPINK, M. J.; ARAGAKI, S. S.; ALVES, M. P.. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. **Psicologia**: reflexão crítica, v. 18, n. 1, Porto Alegre 2005. Pagina 26–38.

_____.; SPINK, S. P. Aventura esportiva na Modernidade Tardia. In: DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E. D. (Org.). **Em busca da aventura**: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: EdUFF, 2009.

Endereço dos Autores:

Barbara Adelaide de Araujo Giron Rodrigues
Campus Esportivo do Gragoatá
Av. Rio Branco, sº,
Niterói – RJ – 24.020-000
Endereço Eletrônico: giron_barbara@hotmail.com

Tauan Nunes Maia
Campus Esportivo do Gragoatá
Av. Rio Branco, sº,
Niterói – RJ – 24.020-000
Endereço Eletrônico: taunum@hotmail.com

Cilene Lima de Oliveira
Campus Esportivo do Gragoatá
Av. Rio Branco, sº,
Niterói – RJ – 24.020-000
Endereço Eletrônico: cilenelima.uff@hotmail.com

Gabriela Araujo Goes da Mota
Campus Esportivo do Gragoatá
Av. Rio Branco, sº,
Niterói – RJ – 24.020-000
Endereço Eletrônico: gabriela_agm7@hotmail.com

Edmundo de Drummond Alves Junior
Campus Esportivo do Gragoatá
Av. Rio Branco, sº,
Niterói – RJ – 24.020-000
Endereço Eletrônico: edmundodrummond@uol.com.br